

A ARBITRARIEDADE OU A MOTIVAÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO

Flávio Nascimento da Silva⁷
G/Letras/UEMS
Marlon Leal Rodrigues⁸
NEAD/UEMS

RESUMO: Este artigo objetiva abordar algumas teorias sobre a arbitrariedade ou a motivação do signo linguístico. Desde os filósofos gregos até os contemporâneos, são discutidos aspectos que envolvem as relações entre as palavras e os objetos que designam, entre o significante e o significado. O trabalho abordará estas perspectivas apontadas por meio da obra *Curso de Linguística Geral* (2000), de Saussure e *A estilística*, de Monteiro (1991).

Palavras-chave: Arbitrariedade; signo linguístico; significante; significado.

Introdução

Desde os primórdios da humanidade, há a preocupação em estabelecer a comunicação entre os indivíduos. A linguagem humana, sendo um complexo sistema de signos, envolve diversos fatores. A linguagem verbal é composta pelo principal meio de comunicação, a língua. Esta constitui-se enquanto um sistema de palavras, que, após teóricos linguistas como Saussure, serão classificadas como signos linguísticos. As palavras, conforme as línguas, o contexto, a comunidade na qual estão inseridas, são diferentes e adquirem outras denotações.

Os signos linguísticos, união entre o significado e o significante são intencionais ou apenas convencionais? Esta e outras questões repercutem e são estudadas desde os filósofos gregos até os gramáticos e linguistas contemporâneos. Perguntas recorrentes como: De onde surgiram as palavras? Existe alguma relação entre os vocábulos e os objetos por elas representados? Ou as palavras não refletem as coisas, sendo apenas um meio de estabelecer a comunicação?

Por meio de tais questões surgem divergências. Para alguns teóricos, a língua é convencional e arbitrária, isto é, as palavras não representam as coisas que designam. Para outros, entretanto, a língua é motivada, e suas palavras aludem aos objetos que representam.

⁷ Aluno do 2º ano do curso de Letras – Espanhol, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

⁸ Prof. Dr. Marlon leal Rodrigues da disciplina Linguística II, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Apesar da maioria dos linguistas acreditarem na arbitrariedade do signo, alguns estudos na área de análise literária permitiram aprofundamentos nestas perspectivas sobre a motivação das palavras, enriquecendo as pesquisas ao abranger hipóteses e análises sobre as relações entre palavra e objeto.

Logo, este trabalho irá abordar alguns pontos teóricos que focalizam as perspectivas de arbitrariedade ou de motivação do signo linguístico, ressaltando as oposições das correntes teóricas. Utilizar-se-á, para estas abordagens, da obra *Curso de Linguística Geral* (2000), de Saussure e *A estilística* (1991), de Monteiro.

A língua e seus Componentes

Ao definir o que é língua, Saussure (2000, p. 17) explica que esta é “[...] ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Portanto, segundo esta definição, a língua é um produto social, um complexo sistema de signos convencionais, elaborados e pensados para permitir a linguagem, a comunicação entre os indivíduos.

Na língua estão inseridos toda a diversidade e identidade de uma nação ou comunidade. Porém, como surgem as palavras de uma língua? Como surgem as estruturas fonéticas de uma língua? Estas relações fonéticas, dos sons das palavras, têm alguma relação com aquilo que elas representam?

Saussure vai utilizar o termo signo linguístico em vez de “palavra”. Para ele (2000, p. 18) “a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente”, ou seja, para ele a língua não passa de mero componente comunicacional, no qual os signos não estabelecem relações com a realidade, podendo inclusive, qualquer signo representar qualquer objeto, desde que seja estabelecido para os usuários da língua.

Desta forma:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (Saussure, 2000, p. 80)

Ele afirma ainda:

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (2000, p. 21)

Logo, Saussure irá acreditar no viés social da língua, em perspectivas arbitrárias. Monteiro (1991), ao abordar um panorama sobre os teóricos que também são a favor da arbitrariedade do signo, cita Delacroix, dizendo que, para este, qualquer associação só existe na memória humana, sendo arbitrária. Para F. Boas, uma língua pode parecer arbitrária apenas na perspectiva de outra língua e, segundo Benveniste, para quem utiliza a língua a relação significado e significante é necessária e familiar.

Charles Bally (1962) também se inclui entre os teóricos que acreditam que não haja vínculos entre os sons dos vocábulos e os conceitos, pois segundo ele, se assim fosse, as palavras seriam iguais em todas as línguas.

Monteiro (1991) ainda cita as divergências entre os filósofos e gramáticos “naturalistas” e os “anomalistas”. Os naturalistas analisam as capacidades expressivas dos fonemas, as onomatopeias, as interjeições, observando as conexões entre a palavra e o seu significado. Os anomalistas eram aqueles que contestavam a relação natural entre as palavras e as coisas, utilizando-se de inúmeras irregularidades que não condiziam com a motivação como, por exemplo, os sinônimos, os homônimos, os parônimos.

Apesar das divergências, há teorias tanto a favor da motivação quanto a favor da arbitrariedade do signo linguístico.

Indícios das Teorias de Motivação e de Arbitrariedade

O confronto entre as duas vertentes (os naturalistas e os anomalistas) sobre a motivação do signo, persistiu por muitos séculos. Por meio de estudos, elaboravam argumentos que os favorecessem.

Monteiro (1991, p. 82), ao refletir sobre as duas vertentes, expõe, primeiramente, quanto aos indícios que favoreciam os anomalistas

Podiam [os anomalistas] facilmente apontar casos de irregularidade na língua, todos servindo como indício de que a relação significativa tinha caráter imotivado. Dispunham também a seu favor de milhares de sinônimos (duas ou mais formas com significados idênticos) e dos inevitáveis homônimos (formas iguais para significados diferentes), sem falar dos parônimos (nomes semelhantes referentes a coisas inteiramente diversas).

Portanto, havia a questão: se as palavras representam determinados objetos, seres ou situações, como que mesmas palavras podem representar coisas distintas? Como que palavras distintas podem representar mesma coisa?

Outro indício que, apesar de inicialmente ser a favor da motivação, passou a ser alvo dos anomalistas foram as onomatopeias. Inicialmente, os naturalistas afirmavam que as onomatopeias eram motivadas já que representavam fielmente aos ruídos, aos barulhos das coisas. Contudo, Saussure afirma que as onomatopeias

[...] não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico. Seu número, além disso, é bem menor do que se crê. [...] Quanto às onomatopeias autênticas (aquelas do tipo *glu-glu*, *tic-tac*, etc), não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos (compare-se o francês *ouaoua* e o alemão *wauwau*). (2000, p. 83)

Também sobre isto, Monteiro (1991, p. 83) cita:

Aliás, ruídos iguais em geral são representados linguisticamente por vocábulos nada semelhantes em termos fonológicos. Lembra Kurt Baldinger [...] que o latido do cão é expresso no português do Brasil por *au-au*, mas é *béu-béu* no português de Portugal, *gou-gou* no espanhol, *bow-wow* no inglês, *wan-wan* no japonês e *gnaf-gnaf* no francês. Semelhantemente, anota Serafim da Silva Neto [...], o grasnar de um pato é imitado em português por *quá-quá*, diferente do francês *couin-couin*, dinamarquês *rap-rap*, alemão *gack-gack*, rumeno *mac-mac*, russo *kriak*, inglês *guack* e catalão *mechmech*.

Vejamos o latido do cão:

- Au-au – português do Brasil
- Béu-béu – português de Portugal
- Guau-guau – espanhol
- Bow-wow – inglês
- Gnaf-gnaf – francês

As interjeições também mudam conforme a língua (MONTEIRO, 1991):

- Ai! – em português
- Aie! – em francês
- Au! – em alemão
- Ouch! – em inglês

Portanto, uns dos indícios mais relevantes da teoria da motivação, acabam por realçar e contribuir para a teoria da arbitrariedade, tanto a onomatopeia, quanto a interjeição.

Contudo, se há indícios a favor da arbitrariedade, também há a favor da motivação. De acordo com pesquisas em diversas línguas, existem pelo menos três tipos de motivação: a fonética, a morfológica e a semântica.

Quanto aos indícios que favorecem a tese da motivação tem-se:

Apelo sonoro de pequenez ou amplitude e grandeza nos diminutivos e aumentativos:

- Casinha – casarão.

O plural é mais extenso que o singular em qualquer língua, dando a ideia de que, quanto mais coisas, mais sons.

- Casa – casas

- Andei – andamos

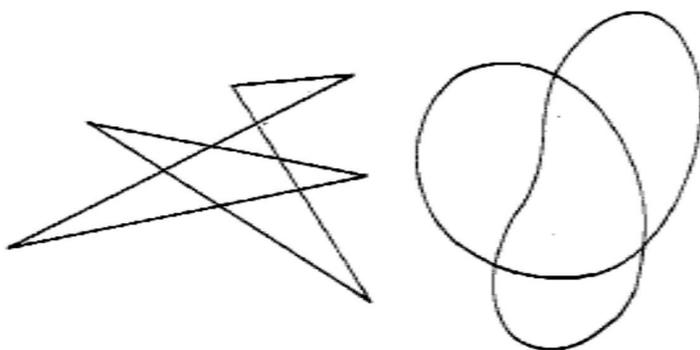
Numa sequência de adjetivos como “grande”, “enorme”, “gigantesco”, a gradação do tamanho é indicada pelos acréscimos de sílabas. (MELO, 1976)

Nas colocações dos termos, a sequência “o presidente e o ministro” é mais usual que “o ministro e o presidente”, refletindo a hierarquia estabelecida entre as categorias. (JAKOBSON, 1971)

Apelos sinestésicos em palavras como *ziguezague*, *lesma*, *fofo*, *áspero* que, tanto a escrita, quanto a forma dos sons dão a sensação da coisa em si.

Os palavrões, que geralmente tem ênfase em fonemas oclusivos que sugerem explosão ou desabafo: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/.

Após estas exemplificações, Monteiro apresenta uma experiência feita por W. Kohler, na qual foram mostradas estas duas imagens aos participantes:



E, em seguida a pergunta: Qual das figuras pode ser chamada de *maluma*? E de *takete*?

A maioria dos participantes escolheu o nome *takete* à figura com formas geométricas, com arestas.

Monteiro, citando Bosi (1977), diz que este interpretou que fonemas surdos e tensos como /t/, /k/, correspondem (sinestesticamente) às formas cheias de quinas e arestas, enquanto que sonoros e frouxos sugerem objetos arredondados.

Em outra experiência, feita por Allport, quase do mesmo estilo, o resultado das perguntas também teve relações entre os sons e as imagens. Foram apresentadas as imagens a seguir:



A



B

Deveriam responder qual das figuras poderia ser denominada *quidikaka* e a outra de *waleula*?

Bem como na experiência anterior, a maioria respondeu conforme o esperado. *Waleula* corresponderia à figura A, pois a sinuosidade das linhas, a impressão de movimento remete a líquida /L/ com a noção de fluidez ou deslizamento. E *quidikaka* remeteria à figura B devido aos fonemas oclusivos e tensos que sugerem algo mais reto, com quinas e arestas.

Portanto, tanto em uma linha, quanto em outra, os teóricos buscaram exaltar as características da língua e dos signos linguísticos que correspondessem aos requisitos de suas argumentações.

Monteiro (1991) irá ressaltar que, apesar de convencional, o signo é motivado, porque a própria condição de convencional já equivale a uma motivação. Logo, o termo mais adequado não seria o de arbitrariedade, formulado por Saussure, e sim, o termo “convencionalidade”, sendo o signo não arbitrário, mas sim necessário, pois é por meio dele que são efetivadas as comunicações humanas.

Considerações Finais

Desde os primórdios, a linguagem surge como algo inato e ao mesmo tempo, complexo ao ser humano. As línguas que integram a comunicação, são exemplos destes sistemas emaranhados de processos paradoxais. Dentro das línguas, temos as palavras, que carregam infinitas possibilidades semânticas, gráficas e sonoras conforme as línguas, os países, as comunidades que as empregam.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

Desde os gregos até os filósofos contemporâneos, persiste as indagações ou as certezas quanto às relações entre as palavras e os objetos, entre os sons e aquilo que representam, alguns a favor da tese da arbitrariedade do signo, outros a favor da motivação do signo.

Entretanto, se há a motivação ou não, percebe-se que depende do ponto de vista e do modo como são abordados os argumentos. Tais teses e discrepâncias, demonstram a relatividade da língua e enriquecem, cada vez mais, sua complexa função e seu dinâmico organismo.

Referências Bibliográficas

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 24. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.